

V.1/217

THESE

DO

Dr. Tanner

V.7/218

# THESIS

APRESENTADA

À FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

E PERANTE ELLA SUSTENTADA NO DIA 25 DE NOVEMBRO DE 1858

POR

*Chomaz Henrique Tanner*

DOUTOR EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE

SEGUNDO CIRURGIÃO DO CORPO DE SAUDE DA ARMADA,  
MEDICO ADJUNTO DO HOSPITAL DA MISERICORDIA DA CÔRTE,  
ANTIGO INTERNO DO MESMO HOSPITAL,  
EX-INTERNO DAS ENFERMIARIAS DE CHOLERICOS—S. FRANCISCO DE ASSIS E SANTA ROSA DE LIMA—,  
CONSELHEIRO DA SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL,  
MEMBRO TITULAR DO INSTITUTO MEDICO BRASILEIRO,  
MEMBRO EFFECTIVO DA SOCIEDADE PHILOMATICA, ETC.,

NATURAL DE MINAS GERAES

E FILHO LEGITIMO DE

**BENJAMIN HENRIQUE TANNER**



**RIO DE JANEIRO**

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT,

Rua dos Invalidos, 61 B.

—  
1858

V.1/219

# FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

**DIRECTOR**—O Ex<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Dr. JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM.

**VICE-DIRECTOR**—O Ill<sup>mo</sup> Sr. Dr. JOSÉ BENTO DA ROSA.

## LENTES CATHEDRATICOS.

Os Srs. Drs. : **1.º Anno.**

Conselheiro FRANCISCO DE PAULA CANDIDO. Physica em geral, e particularmente em suas applicações á Medicina.

JOAQUIM VICENTE TORRES HOMEM. . . . . Chimica e Mineralogia.

JOSÉ RIBEIRO DE SOUZA FONTES . . . . . Anatomia descriptiva.

**2.º Anno.**

FRANCISCO GABRIEL DA ROCHA FREIRE. . . . . Botanica e Zoologia.

FRANCISCO BONIFACIO DE ABREU. . . . . Chimica organica.

CONS. LOURENÇO DE ASSIS PEREIRA DA CUNHA. Physiologia.

JOSÉ RIBEIRO DE SOUZA FONTES. . . . . Anatomia descriptiva.

**3.º Anno.**

CONS. LOURENÇO DE ASSIS PEREIRA DA CUNHA. Physiologia.

F. PRAXEDES DE ANDRADE PERTENCE . . . . . Anatomia geral e pathologica.

CONS. ANTONIO FELIX MARTINS. . . . . Pathologia geral.

**4.º Anno.**

ANTONIO FERREIRA FRANÇA . . . . . Pathologia externa.

ANTONIO GABRIEL DE PAULA FONSECA. . . . . Pathologia interna.

LUIZ DA CUNHA FEIJÓ . . . . . Partos, molestias de mulheres pejudas e paridas e de meninos recém-nascidos.

**5.º Anno.**

ANTONIO GABRIEL DE PAULA FONSECA. . . . . Pathologia interna.

CONS. CANDIDO BORGES MONTEIRO . . . . . Anatomia topographica, medicina operatoria e apparatus.

CONS. JOÃO JOSÉ DE CARVALHO . . . . . Materia medica e therapeutica.

**6.º Anno.**

CONS. THOMAZ GOMES DOS SANTOS. . . . . Hygiene e historia de medicina.

FRANCISCO FERREIRA DE ABREU . . . . . Medicina legal.

MANOEL MARIA DE MORAES E VALLE. . . . . Pharmacia.

CONS. M. F. PEREIRA DE CARVALHO . . . . . Clinica externa do 3.º e 4.º

CONS. MANOEL DO VALLADÃO PIMENTEL. . . . . Clinica do 5.º e 6.º

LUIZ DA CUNHA FEIJÓ . . . . . Clinica de partos.

## LENTES SUBSTITUTOS.

FRANCISCO DE MENEZES DIAS DA CRUZ. . . . . } Secção Medica.

ANTONIO FERREIRA PINTO . . . . . }

JOSÉ MARIA CHAVES . . . . . } Secção Cirurgica.

. . . . . }

EZEQUIEL CORRÊA DOS SANTOS . . . . . }

FRANCISCO JOSÉ DO CANTO E MELLO CASTRO } Secção de Sciencias Accessorias.

MASCARENHAS . . . . . }

## OPPOSITORES.

JOSÉ JOAQUIM DA SILVA. . . . . } Secção Medica.

. . . . . }

LUCAS ANT<sup>o</sup> DE OLIVEIRA CATTÁ-PRETA. . . . . } Secção Cirurgica.

ANTONIO TEIXEIRA DA ROCHA . . . . . }

JOÃO JOAQUIM DE GOUVÊA. . . . . } Secção de Sciencias Accessorias.

. . . . . }

**SECRETARIO**—DR. JOSÉ MARIA LOPES DA COSTA.

N. B. A Faculdade não approva nem reprova as opiniões emittidas nas Theses que lhe são apresentadas.

V. 1/220

**À MEMORIA**  
 DE  
**MEU PAI**

**À MINHA MÃI**

A SENHORA

**D. Luiza Maria Tanner;**

**À MINHAS IRMÃAS**

AS SENHORAS

- D. Eliza Tanner,**
- D. Emilia Tanner,**
- D. Sophia Tanner**

E

**D. Luiza Maria Tanner;**

**A MEU IRMÃO**

**O SENHOR BENJAMIN HENRIQUE TANNER**

E

**A MEUS PARENTES E AMIGOS**

**O. D. C.**



## DA MOLESTIA EM GERAL.

Medicina tota est in observatione.  
(HOFFMAN.)

### INTRODUÇÃO.

**T**ODA sciencia fundada na observação deve indagar minuciosamente os factos, e compara-los entre si, para induzir os factos geraes, que, levados á categoria de principios, possam soffrer differentes applicações, tanto aos casos particulares que reunidos os formárão, como a muitos outros que não se comprehendendo na observação primitiva, comtudo implicitamente a ella se refirão por analogia de caracteres.

A medicina, sciencia eminentemente fundada na observação de factos, por conseguinte inductiva, deve premunir-se de certos preceitos logicos, para que se erre menos vezes possivel. Dizemos errar menos vezes possivel, porque nenhuma outra sciencia experimental encontra tantos obstaculos como ella; porquanto, se na observação dos factos geralmente nota-se a constancia e semelhança com que elles se apresentão, o mesmo não

V. 1/22/v

acontece á generalidade dos factos que constituem a substancia da medicina. Na verdade, não havendo observação de dous casos pathologicos inteiramente semelhantes, grandes serão as difficuldades que encontrará o medico philosopho para fazer variadas combinações entre os phenomenos sujeitos á sua observação para descobrir entre alguns delles qualquer fundo de semelhança, afim de poder induzir uma lei.

A consequencia de tudo isso é a impossibilidade com que lucha o medico philosopho para poder *in rigore* fazer applicação dos preceitos logicos, cujo desempenho é indispensavel para com acerto e segurança poder attingir o scopo scientifico. Dahi a necessidade de um profundo conhecimento delles, para que a impossibilidade da observancia rigorosa de alguns não lance o observador em collisões desesperadas de erros, mas sim o anime a progredir, fazendo uma escolha razoavel entre as noções provaveis, preferindo as que reu-nem mais notas de probabilidade ás que estão em contrarias cir-cumstancias. Conhecer pois os casos em que o rigor da lei é impossivel, e por conseguinte dispensavel, é um grande allivio para o medico observador, que neste caso sempre sujeita o fructo de seus trabalhos ás correcções do tempo, e ás mais accuradas observações dos doutos, quer contemporaneos, quer vindouros.

E nem de outra sorte poderia ser em uma sciencia, cujos marcos ninguem ainda pôde antever. Se não é possivel fazer-se applicação rigorosa dos preceitos logicos nas diversas questões de medicina, o medico observador deve ter uma norma de conducta tal, que não só o guie mais ou menos acertadamente em suas investigações, mas tambem o absolva quando imprevidentemente caia em algum erro; e por isso elle deve sempre cingir-se ás regras seguintes:

- 1ª Sendo a duvida um tormento do espirito humano, adoptar, ainda que provisoriamente, os factos que só gozão de nota de probabili-dade em seus caracteres, isto é, *preferir o mais ao menos*.
- 2ª Todas as vezes que o bom senso, em vista de circumstancias que não previo, obriga-lo a infringir os principios que estabeleceu,

## 3

obrar com toda a prudencia e circumspecção, isto é, *sujeitar-se ás excepções que as circumstancias estabelecerem em sua norma de conducta adoptada.*

3ª Alargar quanto fôr possível o campo de seus conhecimentos, ainda que alheios á sua arte, porque as cousas, tendo naturalmente relações entre si, ainda que desconhecidas pela maior parte, a expli-  
cação de um facto encontra-se muitas vezes em um outro de natu-  
reza mui diversa, isto é, *adoptar em suas doutrinas a fôrma lem-  
matica.*

4ª Nunca cingir-se a systema algum exclusivo, que, considerando os factos de um só lado, e postergando os sãos preceitos da analyse, confundirá o falso com o verdadeiro ; isto é, *ser eclecticico.*

5ª Tomar emfim por archote luminoso, que o esclareça, as regras do verdadeiro methodo. Não se esquecendo de adiar prudentemente para tempo opportuno a solução do problema que não comportar actualmente com as circumstancias em que se achar seu espirito.

*Plerque differat, et præsens in tempus omittat.*

---

# PRIMEIRA PARTE.

## CAPITULO UNICO.

### § I. — É possível definir-se a molestia ?

Segundo as considerações que temos feito na introdução, já conhecemos mais ou menos a especie de terreno em que temos de andar. Dando pois seguimento ás nossas idéas, ou antes fazendo applicação dos principios estabelecidos á questão que ora nos occupa, temos de dar a solução seguinte: Uma definição de molestia é impossivel no estado actual da sciencia, a menos que não queiramos contentar-nos com uma provisoria, que, abrangendo o maior numero de casos particulares, substitua mais ou menos aquella que o rigor exige.

Isto estabelecido, facil será agora responder á questão. Assim, sendo a definição, propriamente dita, a enunciação dos caracteres essenciaes de qualquer cousa, *quantum satis*, para reconhecê-la e distingui-la de toda outra, a molestia não é susceptivel de tal definição. Mas, havendo para substitui-la a descripção ou definição descriptiva, só desta nos podemos servir para tornar conhecida a molestia.

### § II. — Qual a utilidade de uma definição de molestia ?

Toda a cousa que, por seu simples enunciado, é facilmente reconhecida e distincta de toda a outra, não necessita ser definida. Resta pois saber se a molestia está em identicas circumstancias.

Se ninguém discrimina o ponto onde termina o estado de saude, e começa o de molestia, uma e outra em certos casos se confundem,

salvo nos seus extremos, em que os caracteres differenciaes cada vez mais poem-se em relevo. E se o pratico nem sempre tem de se haver com casos em que a molestia esteja altamente caracterisada, mas sim em grande numero daquelles que mais ou menos se approximão da linha divisoria dos dous estados, torna-se necessario que possa, segundo as circumstancias, mais ou menos distingui-los, e por conseguinte ter certos caracteres que indiquem o estado da molestia em seus diversos pontos, isto é, uma definição qualquer. *Notio morbi cujuscumque vera nosologicæ, ita comparata sit, necesse est, ut inde non solum ipsius morbi nunc præsentis, præcipuorumque ejus symptomatum ratio patescat, sed et præcipuè indicationes curativæ sponte inde fluant.*

**§ III. — Revista de algumas definições de molestia.**

Cada auctor tem definido a molestia differentemente; assim, segundo Alcmaeon de Crotona, é a desordem das forças, cujo concurso e harmonia constituem a saude. Esta definição é obscura e inconveniente. Obscura, porque os seus elementos não são mais claros do que o definido. Inconveniente, porque contém em si vistas systematicas.

O mesmo diremos da de Platão (desordem dos elementos); de Asclepiades (desordem dos corpusculos invisiveis); de Browns (lesão da incitabilidade); de Riter (alteração galvanica); de Beaumes (mudança das proporções do calorico, oxigeneo, hydrogeneo, azoto e phosphoro); de Sylvius (reacção dos saes); de Broussais (effeito da irritação).

Quatro maneiras de definir a molestia devem attrahir nossa attenção, porque dellas podemos tirar algum proveito para a definição que tivermos de adoptar. São: a de Sydenham: *morbum, quantumlibet, ejus causæ humano corpori adversantur, nihil esse aliud quam naturæ conamen matericæ morbificæ exterminationem, in ægri*



*salutem, omni ope molientis.* A de Littré: Uma reacção da vida, quer local, quer geral, quer mediata, quer immediata, contra um obstaculo, uma perturbação, uma lesão. A de alguns medicos: perturbação sobrevinda nas funcções. A de outros: alteração da structura.

Comquanto as duas primeiras aparentemente se assemelhem, todavia distinguem-se perfeitamente á menor analyse, pois que ha na primeira um esforço da natureza para eliminar a materia morbifica, que se não identifica com a lesão, obstaculo, ou perturbação da segunda.

Com effeito a syphilis (materia morbifica), e uma fractura (lesão), distinguem-se perfeitamente.

Passemos agora a analysar a definição de Sydenham.

Esta maneira de definir a molestia pecca por inconveniente, obscura e incompleta: inconveniente e obscura, porque admite uma materia morbifica, que nem em todas as molestias reconhecemos, porque dá como seu genero proximo um esforço da natureza, idéa esta que além de vaga e indeterminada, não é tão clara e conhecida que se possa por ella obter uma idéa satisfactoria da molestia, porque enfim considera como constituindo a molestia aquillo que deve applicar-se aos meios de combatê-la. Incompleta, porque não abrange todos os casos, tendo só em vista as molestias agudas e febris em particular. Na verdade, se casos ha em que existe um esforço da natureza para restabelecer o estado de saude, estes mesmos em todas as suas phases não apresentam essa tendencia a terminações favoraveis, de sorte que o organismo depois de esgotadas suas forças de resistencia ao mal, e por isso terminado esse esforço, não deveria ser considerado em estado de molestia, o que é absurdo.

A definição de Littré é por demais defeituosa; com effeito, considerar a molestia como uma reacção da vida, é dar-lhe uma significação que não tem; assim em uma fractura, por exemplo, a molestia não seria constituída pela lesão, mas sim

pelas suas consequencias, como a dôr, a inflammação, a difficuldade dos movimentos, etc. Ninguem ha por certo que tome a seu cargo defender este modo de considerar a molestia. Finalmente a maior parte dos inconvenientes que notámos na definição de Sydenham apresentão-se nesta.

A definição que faz consistir a molestia na perturbação sobrevinda nas funcções, tem por si razões de grande alcance e mui valiosas ; mas se quizermos fazê-la descer da categoria de principio, não poderá por certo soffrer uma rigorosa applicação aos factos, nem mesmo suster-se a um severo exame em presença delles. O fluxo catamenial, a funcção do parto, a lactescencia, a velhice, etc., são sem duvida casos em que o exercicio de uma ou mais funcções está em gráo maior ou menor de perturbação, sem que nem um observador sensato os capitule molestias. Uma paixão violenta, um accesso de colera e um medo desmedido trazem comsigo as mais das vezes uma grande perturbação das funcções sem comtudo dar lugar a uma molestia. Uma difformidade, a falta de um membro, a carencia de um orgão mais ou menos importante, a ankylose de uma articulação, um anus contra natura, acompanhão-se sem duvida de perturbação de funcções, e entretanto não ha molestia. O estado hemorrhoidario actual, os prolapsos uterinos e rectaes, as hernias habituaes, as cicatrizes consideraveis, etc., não são molestias e são acompanhadas de maior ou menor perturbação de funcções.

A preexcellencia desta definição sobre as precedentes, é que abrange todos os casos de molestia, tendo por unico defeito ser mais lata do que o definido. Comtudo o medico que se cingisse a esta definição não teria occasiões de commetter erro grave, porque o seu bom senso e illustração facilmente o guiaria nos casos em que uma perturbação de funcções chamasse sua attenção, como nos casos enumerados. Comtudo os casos em que não havendo perturbação sensivel das funcções, ha profunda alteração da structura, como na tuberculisação latente, não se contêm na definição que nos occupa ; entretanto para muitos parecerá um paradoxo elimina-los do quadro

das molestias ; porém não sendo a opinião dos Mestres, que adoptamos, as excluimos do mesmo quadro ; e por isso não serve de armas contra a definição que sustentamos. Em lugar competente exporemos as razões que nos levão a pensar deste modo, razões que adoptamos com segurança, maximè por corroborar a opinião a este respeito de nosso Mestre o Sr. Dr. Felix Martins.

Muitos medicos definem a molestia : uma alteração sobrevinda na structura dos orgãos.

Se em medicina devemos sempre ter em vistas os factos, e induzir unicamente quando a observação tiver feito apreciar cada um delles, por certo não devemos adoptar esta definição. Com effeito, attendendo que em grande numero de molestias aliás graves, não se conhece quaes sejam as alterações produzidas na structura dos orgãos, temos como logico que esta supposta alteração não póde ser ainda de tal sorte generalisada que se constitua principio de uma totalidade de factos. Verdade é que á proporção que a anatomia pathologica e a chimica physiologica augmentão o seu dominio, em muitas molestias que não erão acompanhadas de alterações na structura dos orgãos conhecidas, é fóra de toda a duvida que ellas existem. Estas descobertas têm sido em numero tal, que o espirito mais exigente em materia de rigor logico, invencivelmente seria levado a pensar, quando não fosse a acreditar, que para o futuro chegar-se-hia a descobrir estas alterações em toda a especie de molestias. Mas *si melius est sistere gradum, quam progredi per tenebras*, o medico deve deixar de parte essas doces illusões, actualmente, é verdade filhas de bem fundadas esperanças, para escravisar-se aos factos, quando são exigidos pela sãa razão, e para sobre elles basear seu exercicio. Assim pois ainda que esta definição possa e até deva para o futuro ser sustentada, no estado actual da sciencia a prudencia exige que seja posta de parte, maxime quando outra qualquer póde substitui-la, e mesmo ser-lhe preferida. Além disso a definição que temos de adoptar deve sobretudo ser considerada nas suas applicações, debaixo do ponto de vista pratico, e não só-

mente para satisfazer uma exigencia escolastica ; esta não se acha nestas circumstancias. Se em muitas molestias existe incontestavelmente uma alteração qualquer, nem sempre ella é sensivel ás investigações medicas, senão *post-mortem*, por conseguinte a definição neste caso nem sempre aproveitaria. E havendo certos casos em que ha alteração mesmo consideravel na structura dos órgãos, sem que comtudo seja notavel por manifestação alguma symptomatica, sem que portanto possam ser capitulados molestias, forçosamente negaremos nosso apoio a esta definição.

Ha ainda uma definição apresentada pelo illustre professor Chomel, que concilia as duas ultimas precedentemente tratadas. Esta definição reunindo sobre todas uma generalisação mais exacta, torna-se tambem defeituosa em alguns pontos, como faremos ver.

Chomel define a molestia : *uma desordem notavel sobrevinda, quer na disposição material das partes constituintes do corpo vivo, quer no exercicio das funcções.* Analysemos primeiramente, para melhor combatê-la.

Ha duas partes distinctas na differença especifica: 1ª, alterações de tecidos; 2ª, perturbação de funcções; de sorte que de um lado abrange as molestias que só trazem uma alteração material, com ou sem manifestação sensivel, e de outro aquellas que cortejadas por symptomas não manifestão alteração material,

Não consideramos como molestias aquelles casos em que, havendo alteração mesmo profunda na structura dos órgãos, não ha perturbação no jogo das funcções. Parecerá um paradoxo semelhante asserção; mas as razões que vamos expôr levantarão de sobre nós tão terrivel estigmatisação.

O que será a pathologia? A sciencia que estuda as molestias; ora, a unica via por onde o medico póde chegar ao seu conhecimento, é pelos symptomas ; logo, onde estes não existirem, o medico escrupuloso observador dos preceitos da sciencia não póde capitular uma molestia.

Dir-se-ha que todas as vezes que o medico não puder reconhe-

cer uma molestia por seus signaes *in vita ægri, post mortem* os encontrará; porém a impossibilidade de se reconhecer estes signaes *in vita*, priva a influencia da medicina em sua applicação. Além disso, jogando as funcções do individuo perfeitamente nestes casos de alteração mesmo profunda, não ha absolutamente necessidade de applicações therapeuticas, mas sim de uma prophylase preventiva que já não tem em vista a molestia *actu*, mas sim uma desordem futura, que não invalidará nossa asserção, assim como o que não existe não invalida a realidade.

Se quizermos considerar forçosamente como molestia esta alteração, unicamente pelas consequencias funestas que para o futuro possão apparecer, tambem considerariamos como molestia um perigo de vida ainda que estranho, a que estivesse exposto um individuo, v. gr., nas proximidades de um abysmo.

É verdade que as circumstancias são differentes, mas trazemos esta comparação unicamente para mostrar em que pé a questão está collocada.

Se quizermos tambem considerar estas alterações como molestias pelo facto de necessitarem anteriores perturbações de funcções, estas já não existem, actualmente não ha molestia: logo, emfim, não póde dizer-se que existe saude nas apparencias e molestia no fundo e na realidade. Ha, é verdade, uma alteração de structura, mas esta alteração é ainda innocente, não reclama soccorros medicos, porque o individuo está no inteiro e regular exercicio de suas funcções, e por conseguinte em saude; poderá vir a ter uma molestia, mas não a tem; está immediatamente exposto á causa de uma desordem, mas esta causa ainda não tendo actuado, não produzio ainda o seu effeito, que é a molestia; esta pois não existe.

**§ IV. — Qual será a definição preferivel.**

Facilmente se deprehenderá a natureza da definição que adoptamos; será aquella que exclua todos os defeitos que temos notado

nas que combatemos, e que reuna em si as condições mais prováveis debaixo do ponto de vista pratico. Ella é assim formulada pelo seu illustre autor: *é toda alteração nos seres vivos notavel, por desordem mais ou menos perseverante da funcionalidade, estranha ao typo normal e condições habituaes do individuo.*

Para defendermos esta definição achamos razoavel fazer um ligeiro exame entre o estado de saude e o de molestia, mostrar como estes dous estados se discriminão, e em consequencia quaes os elementos de que deverá constar uma boa definição a respeito.

Comparando a vida, tanto normal como anormal a uma linha, nos seus extremos collocaremos o typo da saude e o da molestia; e para comprehender-se a natureza destes typos, tracemos os seus caracteres geraes.

O estado verdadeiramente normal é aquelle em que o individuo goza da integridade material dos orgãos e perfeito exercicio de suas funcções. O de molestia porém é aquelle que se acha em condições oppostas. Na saude ha este sentimento agradavel que acompanha a facilidade com que se exercem as funcções; este sentimento falta no estado opposto. Mas á proporção que nos afastamos dos extremos da linha, os caracteres differenciaes de um e outro lado vão perdendo pouco a pouco o seu valor, a ponto de muitos serem compatíveis com um e outro estado. Entretanto a certas distancias dos extremos, quando os caracteres não offereção por si uma constancia absoluta, como os da primeira ordem, a somma de muitos d'entre elles póde mais ou menos substituir a constancia daquelles. Nas proximidades, porém, do ponto divisorio, o numero dos caracteres combinados de qualquer maneira, já não dão resultado satisfactorio, como acontece na linha divisoria, entre os dous reinos organicos.

Nestes casos dous meios ha para fugir á instante difficuldade: abandona-la, ou removê-la; sempre porém optamos pelo ultimo.

Para este fim, crearemos uma terceira divisão, para a qual contribuiráõ tanto o lado da linha correspondente ao estado normal,

V. 1/226

como o do seu contrario, o que já foi idealizado e executado por Fernel quando diz: *Neutra hæc constitutio. . . . in tres ordines distincta, in neutram obscurè sanam, neutram obscurè ægram, et neutram quæ inter has verè medias intervenit, omnes conspicue elucent, dum vel ex sanitate in morbum, vel ex morbo in sanitatem transitus est.*

Adoptando o plano de Fernel, rejeitamos a subtilidade que nelle se manifesta pela triplice divisão deste estado intermediario. Dirão que removendo esta difficuldade, crêa-se outra que em identidade de circumstancias nem uma vantagem traz consigo. A isso responderemos, que nos pontos em que removemos e collocamos de novo a difficuldade, são aquelles que justamente tornão as applicações mais faceis: 1º, porque removendo-a para dou pontos differentes, a enfraquecemos; 2º, porque separando aquelles casos em que a saude confunde-se com a molestia, o medico tem só de se haver com casos mui discriminados.

Este estado intermediario não reeebeu ainda denominação conveniente; assim a sciencia só possui para significá-lo, expressões que não sendo absolutamente synonymas, comtudo reunidas significão mais ou menos a que por elle deve-se entender. Taes são as palavras *prodromos, estado de convalescença, iminenciã morbi, estado neutro, preludius, terrença* (Celso), etc.

Neste estado confundem-se as anomalias, difformidades, enfermidades, vicios materiaes e affecções superficiaes; comprehende tambem todas as alterações de structura sem perturbação das funcções, ainda que estas para o futuro tenham de apparecer, assim como abrange aquellas affecções que perturbão momentaneamente uma ou mais funcções, como a circulação, a respiração, etc.

Pelo que levamos dito, dando á palavra molestia a significação especial que lhe consagra a definição que adoptamos, reservamos com alguns autores a palavra affecção ao *pathos* dos Gregos.

Quanto áquelles casos em que o individuo, apresentando uma completa normalidade no jogo das funcções, repentinamente esvae-se-lhe a vida, sem que possamos conhecer a causa, facilmente achar-se-ha

no estado intermediario um lugar para classificar-lhe a affecção, que nestes casos rapida para ter tempo de empregar-lhe auxilios medicos, perde sua importancia nas applicações.

Entre os elementos de que faremos constar uma boa definição, devemos preferir os que fôrem mais geraes e melhor conhecidos. D'entre as causas, séde, natureza, symptomas e lesões anatomicas, nem uma acharemos neste caso; comquanto possão ser utilizadas nas definições das molestias em particular. As causas são em grande numero desconhecidas, outras obscuras e outras duvidosas ou contestaveis. A séde além de estar no mesmo caso, traria uma confusão pela sua variedade e muitas vezes por diversas molestias terem a mesma. A natureza das molestias não é conhecida ainda. Os symptomas, marcha e terminações não poderião amoldar-se a uma generalidade. As lesões anatomicas nem todas são averiguadas. Temos pois que tomar uma fórmula que o medico observa constantemente para seu elemento. Esta fórmula existindo em todas as molestias, facilmente poderá ser generalisada e salvar a necessidade de uma definição. E como ella só pelo medico póde ser conhecida, a definição só por elle poderá ser concebida.

Fazendo agora applicação á definição dada pelo Sr. Dr. Felix Martins, estamos habilitados para defendê-la. Repitamo-la para melhor acompanha-la: *E' toda alteração notavel por desordem mais ou menos perseverante da funcionalidade: não se considerão pois como molestias as affecções comprehendidas no estado neutro: Estranha ao typo normal e condições habituaes do individuo;* porque o estado que não se póde tomar como molestia em um individuo, o é em outro; o mesmo se diz das phases da idade, das differenças de temperamentos, etc. As considerações que fizemos preceder nos dispensão de analysar mais profundamente a definição que nos occupa, e dando como conclusão, mostramos o gráo de valor que nos merece.

## SEGUNDA PARTE.

### CAPITULO I.

#### § I. — Definição das molestias.

E' incontestavel que em toda a molestia existe qualquer *desordem mais ou menos perseverante da funcionalidade* proveniente de alguma *alteração*. Mas para conhecermos e distinguirmos uma molestia precisamos encontrar caracteres, que denotando sua individualidade, sirvão para bem designa-la. Por conseguinte o estudo de cada uma dellas deve guiar-nos neste proposito. Ora, nem uma molestia *in specie* offerece um *caracter constante e invariavel*; prova-o a observação, provão-no imponentes autoridades, prova-o emfim o estudo bem dirigido de cada uma dellas. Portanto, em vez de uma definição logica, somos pelo contrario obrigados a cingir-nos a uma descripção. Observar pois cuidadosamente todos os caracteres para d'entre elles colhermos aquelles que agglomerados constituão uma face, uma imagem, um retrato emfim da molestia, tal será nossa conducta. Acrescentamos comtudo que ao pratico neste caso, deve assistir um espirito recto e bem experimentado na meditação, para que, sabendo discriminar, comparar e combinar os diferentes indicios, possa de um modo scientifico attingir a resultados logicos. Quaes esses indicios, esses caracteres? Não poderãõ ser outros além dos suggeridos pelo conhecimento das causas, séde, natureza, lesões, marcha e symptomas das molestias. Deve-se comprehender entretanto o valor *in genere* desses indicios, porquanto as causas, a séde, a natureza, etc., nem sempre são bem determinadas: assim, se são bem conhecidas em umas molestias, não o são em outras. Quão divergentes não são as opiniões a respeito das causas de uma epidemia de cholera-morbus, de febre amarella e de escarlatina; entretanto quem desconhecerá a da colica saturnina? Quantas opiniões sobre essas

molestias ditas essenciaes ; entretanto quem se afastará da opinião geral sobre as lesões da tísica pulmonar e mesenterica ? . . . . Resulta pois, do que levamos dito , que na descripção ou definição descriptiva de uma molestia, devemos cingir-nos ao *constante*, ao *conhecido* e *averiguado*, de sorte que se a causa fôr conhecida, entre ella na definição ; se, ao contrario, fôr duvidosa, seja posta de parte ; e assim obraremos quanto á séde, natureza, lesões, etc.

### § II. — Da nomenclatura.

Invejam muitos a nomenclatura chimica e bradão por não haver uma semelhante em pathologia. Por certo não daremos razão a esses que assim pensão, se chegarmos ao fundo da questão.

Uma boa nomenclatura é sem duvida muito desejavel e facilita admiravelmente o methodo de estudo ; mas ella não constitue mais que o embellezamento das fórmulas e suppõe este termo desejavel, a que deve chegar uma sciencia, que já firme e lançada na ordem das positivas, só tem de procurar novos factos, reduzi-los aos principios estabelecidos, ou estuda-los em suas diversas condições quando novos, e buscar suas leis, denomina-los e guarda-los. Mas o mesmo não acontece á medicina, os factos que ella possui são molestias, e estas residindo nos individuos, apresentam feições diferentes conforme centenas de circumstancias que nunca se mostram as mesmas, e por conseguinte ostentão novas faces, novos caracteres ; e como taes enchem mais os capitulos de suas descripções, e, ou o nome fica ampliado, e como tal designando cousa diferente segundo as diversas observações ou muda-se, e como tal novo nome se junta ao existente, e assim deverá acontecer até que as molestias se uniformisem em suas individualidades, especies e generos : porém pouco ha que esperar nesse sentido, e portanto temos de contentar-nos com a nomenclatura actual e com suas modificações futuras. Em ultima analyse diremos : Não se podendo prever um termo em que a medicina já não precisando retocar seus factos,

como acontece á chimica, a ponto de precisar nova nomenclatura, não se póde tambem prever a época em que crêe-se uma permanente para o quadro das molestias.

Variadissimas são as fontes onde se exhaurem as denominações das molestias. En effet, diz Chomel, elles ont été désignées tantôt d'après leur *siège* connu ou présumé, comme la *pleurésie* et l'*hypochondrie*; tantôt d'après les *causes* plus ou moins incertaines auxquelles on les attribue, comme le *coup d'air*, les *fraîcheurs*; quelquefois d'après les lieux et les *saisons* où elles se montrent, comme la *fièvre des camps*, les *fièvres de la moisson*, les *fièvres automnales*; ailleurs, d'après le lieu d'où elles sont *originaires*, comme le *typhus d'Amérique*; d'après le nom des peuples qui les ont *transmises*, comme le *mal français* (dénomination sous laquelle les Italiens désignent la syphilis). La *vaccine* a reçu son nom de celui de l'animal (*vacca*, vache), qui paraît en être primitivement atteint et qui la transmet à l'homme; l'*hydrophobie*, la *chorée* ont été ainsi nommées en raison du phénomène principal qu'elles déterminent, l'horreur des liquides, le sautellement de la marche. Quant aux affections éruptives, la *couleur* de la peau a souvent décidé du nom qu'on leur a donné; la *rougeole*, la *scarlatine*, en sont des exemples. Le mot *variole* semble avoir aussi la même origine et désigner cette bigarrure que présente la peau, lorsqu'elle offre, disséminées sur toute sa surface, des pustules blanches, des croûtes jaunes ou brunâtres, entourées d'une auréole rouge ou brune et séparées par des interstices dans lesquels la couleur naturelle n'est pas changée. La *forme particulière* de certaines éruptions, la manière dont elles sont *disposées* sur la peau, leur apparition pendant la *nuit*, ont porté à leur donner des noms qui indiquent ces diverses circonstances: *miliaire*, *zona épinyctis*. D'autres maladies ont reçu des noms relatifs soit à leur *marche* ou à leur *durée*, *fièvres intermittentes*, *continues*, *rémittentes*; soit à leur degré de gravité, *fièvres bénignes*, *malignes*; soit à une sorte de ressemblance, plus souvent imaginaire que réelle, avec certains objets vulgaires, *tympanite*, *clou*, avec quelques animaux, *polypes*, *taupes*.

D'autres ont reçu des noms qui indiquent leur *nature* présumée, comme *fièvre putride, bilieuse*. Quelques dénominations font connaître le *genre d'altération organique* qui constitue la maladie, comme *le tubercule, la mélanose, l'encéphaloïde*; d'autres enfin rappellent le *nom du médecin* qui les a décrites, tels sont le *mal de Pott, la maladie de Bright*. Outre ces dénominations principales, on a souvent encore joint au nom de la maladie une épithète qui indique sa *gravité, sa forme, sa durée, sa terminaison, sa mobilité*; on peut citer pour exemples: la *petite vérole bénigne, l'apoplexie foudroyante, la teigne faveuse, l'angine gangréneuse, la fièvre éphémère, l'érysipèle vague, ambulante*.

### § III.—Da Synonymia.

A synonymia é uma consequencia necessaria do defeito da nomenclatura; e por isso, não podemos passar sem ella, a menos que para prejuizo nosso, desprezemos tambem as observações alheias que mudando a face das cousas, com direito trazem-lhes novas designações. E não havendo razão poderosa para ligar-nos antes a esta que áquella outra designação, naturalmente haverá para os praticos das differentes escolas e quiçá da mesma, o direito de adoptar a que lhes parecer preferivel. Entretanto não passaremos sem notar que muitos synonymos redundão em prejuizo da sciencia, porquanto ligando a natureza da cousa á sua designação, esta muitas vezes nos induzirá a erro que só poderíamos evitar com bastante trabalho. Para unicos exemplos apresentamos com Chomel o *fluxo hepatico, e as flôres brancas*.

### § IV.—Da etymologia.

O conhecimento de etymologia é indispensavel para facilitar a memoria; porém grande numero melhor ficaria ignorado, visto que diz o contrario da significação da palavra, como por exemplo o *Cancro*. Muitas vezes a etymologia denota uma circumstancia que

V.1/229

nem uma relação tem com o estudo da molestia em si, outras vezes porém ella se liga a um só symptoma, como as palavras *scarlatina* e *hydrophobia*, que só dão idéa, a primeira, da côr da pelle, e a segunda da repugnancia aos liquidos; outras vezes ella indica a séde, como na palavra *hepatite*.

A etymologia, entretanto, póde dar idéa mais ou menos perfeita das opiniões concebidas e das impressões manifestadas pelos primeiros mestres da sciencia, assim como póde exprimir um facto verdadeiro. Uma molestia é designada muitas vezes com muitos nomes, e algumas vezes estes com significações diversas, porém isso não é de admirar, pois que as sensações varião e as idéas são diferentemente enunciadas segundo cada homem.

## CAPITULO II.

### **Classificação das molestias.**

Classificar as molestias é dispô-las em um quadro, em certa ordem e segundo certas relações.

Para fundamentar-se uma classificação deve-se recorrer a duas ordens de caracteres; primeira, a dos accidentaes, exteriores, formas, constituintes da representação apparente dos objectos entre si; segunda, a dos constantes, immediatos ou quasi immediatos á essencia, á intrinsecidade dos objectos.

Pelo que deixámos dito quando tratámos da definição das molestias, facilmente se deprehenderá nossas opiniões a respeito. Com effeito, se para definirmos uma molestia, temos de lutar com grandes difficuldades, se temos de ir de encontro a systemas que mais ou menos têm exercido sua influencia em medicina, se nos temos ainda de afastar da linha de conducta traçada pelas sobranceiras figuras, que, mesmo actualmente arrastão após si respeitaveis phalanges medicas, naturalmente veremos nossos passos perder aquella originalidade, que

os devêra caracterisar em condições oppostas. Mas fugindo da expectativa e levando-nos pelo turbilhão das idéas, incidentalmente manifestaremos nosso modo de pensar na linha permittida ás circumstancias que sobre nós presentemente actuão.

Se as molestias em suas individualidades não têm formulas communs, que as aggrupando natural e independentemente da arte, se classifiquem, por certo o nosologista buscará em outras fontes materiaes para sua empresa.

Na falta pois de caracteres constantes, ou na linguagem medica *pathognomonicos*, terá de necessariamente apegar-se á somma de muitos delles, afim de, por um acto do espirito, enxergando uma *unidade*, poder levantar esse edificio tantas vezes construido e outras tantas demolido. Segue-se portanto que uma classificação natural é actualmente inexequivel. A pathologia especial é um complexo de factos, que em sua linguagem traduzem-se por molestias. Estes factos, estas molestias, são taes, emquanto se individualisão; por isso offerecendo notas de similhança e dissimilhança, podem aggrupar-se em especies, generos e classes, e por conseguinte sujeitarem-se a verdadeiras classificações artificiaes. A utilidade de assim proceder-se dimana dos mais comesinhos conhecimentos de logica, por isso não nos faremos cargo de aqui nos incumbir de sua demonstração.

Na verdade fazendo applicações, quem ignorará que o medico no leito da molestia, tendo todas ellas dispostas em certa ordem no seu espirito, *ipso facto* não se acha mais habilitado a proferir o diagnostico, e assim dirigir um tratamento mais curial? quem ignorará que desta sorte o espirito melhor se conduzirá em suas observações? quem ignorará que assim tambem melhor se desvencilhará dos diferentes casos difficeis no exercicio de sua profissão? quem ignorará que do mesmo modo o imprevisto perderá muito da sua força, quando se apresente diante de seus passos?

Ao lado dessas vantagens têm os autores indicado desvantagens, que só poderião prejudicar ao medico, que, cingindo-se á letra das leis pathologicas, deixa-se por ellas dominar como o geometra na de-

monstração de um theorema. Não. A grandeza de um medico, o seu genio, consiste em dar, quando fôr opportuno, *um golpe de estado passageiro*, nos preceitos, nas regras e leis que regem sua arte. Por isso classificamos para obrarmos com facilidade: a classificação é uma serva da medicina, e esta não o é da classificação. Se não podemos possuir uma classificação como a botanica, por certo a que tivermos de adoptar terá contra si sérias objecções, porém que por si não trarão indicação para uma melhor e inatacavel.

Diversas têm sido as bases de que têm-se servido os autores para a classificação das molestias; é assim que a ordem alphabetica foi proposta, o que constituiria antes um dicionario; sobre a duração das molestias funda-se a classificação temporaria, cuja imperfeição resulta de sua origem tão mesquinha; os anatomo-pathologistas pretendêrão estabelecer uma ordem segundo as sédes, mas sendo estas muitas vezes incertas ou desconhecidas, uma tal classificação seria bastante defeituosa: o mesmo acontece ao methodo etiologico. O methodo symptomatico, seguido por Sauvages, reúne contra si sérias accusações, porque despreza os mais sãos preceitos, que devem dirigir uma classificação ainda mesmo provisoria; porque não attinge o fim a que se propõe, e sanciona a medicina do symptoma, o physiologismo e o racionalismo absoluto.

Qual será pois o methodo que adoptaremos? por certo aquelle que se fundar em certas vistas, em certos *todos*, tomados do estudo das molestias, em seus symptomas, suas causas, sua anatomia pathologica, etc. A nosso ver o que melhor satisfaz estas vistas é o adoptado por Mr. Grisolles em seu tratado de pathologia interna, o qual é justamente denominado methodo *philosophico*.

Este autor dividio as molestias em dez classes, a saber: 1ª, febres; 2ª, molestias constituidas por um vicio de proporção do sangue; 3ª, inflammações; 4ª, hemmorrhagias; 5ª, secreções morbidas; 6ª, envenenamentos; 7ª, lesões da nutrição; 8ª, transformações organicas e os productos morbidos accidentaes; 9ª, nevroses; 10ª, molestias proprias de certos orgãos ou de certos tecidos.

Como Mr. Grisolle, reconhecemos os defeitos deste methodo; mas, como as vantagens em compensação são maiores que as dos outros, nenhuma duvida puzemos em adopta-lo, e nossa resolução será por demais louvavel, quando Mr. Grisolle, com uma circumspecção verdadeiramente philosophica, reúne em uma classe á parte aquellas affecções que, distribuidas por outras, muito forçarião a analogia e realçarião sua imperfeição; entretanto, se meditarmos na classe das febres, veremos que pela necessidade do methodo essencializou um grande numero dellas, e nisso teve razão: porquanto, se febre essencial é a que não tem por causa lesão alguma dos órgãos, ou teria de fazê-las symptomaticas ou essenciaes; no primeiro caso, forçaria muito a hypothese, não reconhecendo lesão alguma, e por conseguinte nenhum facto que autorisasse o principio; no segundo caso, conservar-se-hia em reserva, dando como essenciaes provisoriamente, esperando que novos factos os desagregassem da classe em que se achavão provisoriamente para aquellas a que devião pertencer. Além disso, ninguém contesta as grandes conveniencias que actualmente ha na essencialisação provisoria dessas febres; outro sim achamos muito mais hypothetico classifica-las como entoxicações, porquanto, não tendo facto algum que deslinde este modo de considerar, traria muita confusão. Nem tambem collocaremos na classe das lesões nervosas, porque estas não se aprecião, e quando mesmo se dêm, devem antes ser consideradas como consequencias do que como exacerbações de uma alteração primitiva e insensivel. As demais classes, estando em circumstancias mais favoraveis que a primeira, dispensão-nos de fazer considerações a respeito, visto que qualquer implicitamente melhor as consideraria.

---



## DA HEMOPTYSIS

SUAS CAUSAS, SIGNAES, DIAGNOSTICO, PROGNOSTICO E TRATAMENTO.

### PROPOSIÇÕES

I. A hemoptysis consiste na expectoração de maior ou menor quantidade de sangue escumoso, em geral de côr vermelha rutilante, proveniente da mucosa laryngo-bronchica.

II. Como toda a hemorrhagia, a hemoptysis póde ser essencial, ou symptomatica, activa ou passiva, constitucional, accidental, succedanea e critica.

III. A hemoptysis essencial é rarissima.

IV. As molestias organicas do coração, da aorta e os tuberculos pulmonares são as causas de quasi todas as hemoptysis.

V. O sexo feminino, a idade de 15 a 35 annos, o temperamento sanguineo, a constituição fraca, irritavel, e a disposição hereditaria, as profissões e os misteres, cujo exercicio obriga os individuos a conservar o peito em flexão sobre o ventre, de maneira a dificultar a respiração, taes como escriptor, alfaiate, sapateiro, etc., predispoem á hemoptysis.

VI. Os esforços violentos, a fadiga dos orgãos da respiração, que tem lugar na acção de gritar, de cantar ou de tocar instru-

mentos de sopro, as contusões, as feridas penetrantes do thorax, a inspiração de vapores irritantes, e a diminuição subita e consideravel da pressão atmospherica, são causas occasionaes da hemoptysis.

DA HEMOPTYSIS

VII. Ella póde invadir subitamente, o que é raro; em geral se annuncia por máo estar, oppressão e calor no peito, dyspnéa, tosse secca, palpitações, gosto salgado ou de sangue, horripilações e extremidades frias.

VIII. Ordinariamente a uma tosse mais ou menos violenta acompanha a expulsão de quantidade variavel de sangue, que, sendo abundante, póde embarçar a entrada do ar, e dahi a anxiedade; neste caso a contracção dos musculos expiradores determina a expectoração pela boca e fossas nasaes.

IX. Sendo o sangue em pequena quantidade, póde não produzir tosse, e é expulso por simples expuição.

X. O sangue é escumoso e vermelho rutilante; entretanto póde ter uma côr escura carregada, se se tem demorado muito nos bronchios.

XI. Na hemoptysis simples o peito é quasi sempre sonoro.

XII. Escutando-se, sente-se um stertor mucoso, de bolhas muito grossas e humidas, mais manifesto nas raizes dos bronchios.

XIII. Ella póde ser acompanhada de symptomas geraes, como calefrios, pallidez, resfriamento, prostração, e até perda de sentidos, se é muito abundante, ou o individuo tem grande terror.

XIV. A hemoptysis póde invadir subitamente, ser muito abundante, e cessar em algumas horas.

XV. Póde apresentar intermittencias de dias ou de semanas, e assim durar por muitos mezes e mesmo annos.

XVI. De ordinario a hemoptysis, tendo sido mais ou menos abundante, por algumas horas, o sangue vai-se tornando escuro e diminuindo até que cessa espontaneamente, deixando dyspnéa, tosse e calor no peito que persistem por muito tempo.

XVII. Na hemoptysis o sangue é escumoso, e em geral vermelho rutilante, o que a distingue da hematemese, em que elle é quasi sempre escuro, e não escumoso.

XVIII. Quando ella é symptomatica, os phenomenos proprios das lesões que lhe dão origem, esclarecem o diagnostico.

XIX. A escuta do peito é o meio diagnostico o mais seguro.

XX. O prognostico das hemoptysis symptomaticas em geral é máo.

XXI. As hemoptysis constitucionaes, succedaneas e criticas são muitas vezes a salvação de um doente, comquanto em alguns casos possam ameaçar a existencia quando muito abundantes.

XXII. Em geral os individuos aterrão-se, portanto o medico deve procurar calmar o espirito, ordenar que tome uma posição meia assentada, que se tire tudo o que possa comprimir o thorax, como roupas, cobertas, etc.; que guarde silencio absoluto; que fique em completo repouso, e que se lurté á necessidade de tossir.

XXIII. A phlebotomia convenientemente applicada dá optimos resultados.

XXIV. Quando a phlebotomia não puder ser posta em pratica, deverá ser substituida por sanguessugas ao anus.

XXV. Os sinapismos volantes, as ventosas seccas aos membros, ao ventre ou á base do thorax, são meios, que se deve sempre applicar.

XXVI. O uso de bebidas refrigerantes, acidas e geladas, é muito aconselhado.

XXVII. A applicação do gelo sobre o peito, póde dar bons resultados, mas deve ser feita com muita reserva, e só depois de terem falhado os outros meios.

XXVIII. Mertens aconselha um largo vesicatorio entre as espaduas, o que já vimos dar optimos resultados.

XXIX. Os emeticos, os adstringentes, em particular o extracto de rathania, o alumen, a gomma kino, o acetato de chumbo, o sulfato de ferro, o extracto de monesia e o tanino, são empregados com muita vantagem.

XXX. A ergotina, a herva sylvina, o cipó-chumbo, o nitro e a digitalis, temos visto na pratica coroados de bons resultados.

XXXI. Nas hemoptysis succedaneas das regras deve-se provocar o apparecimento destas.

XXXII. As hemoptysis criticas só deverão ser combatidas quando por sua quantidade ameacem a vida do doente.



## TRATAR DA AMPUTAÇÃO EM GERAL

E ESPECIALMENTE DAS VANTAGENS E INCONVENIENTES DOS METHODOS OPERATORIOS,  
POR QUE PODE ELLA SER PRATICADA.

### PROPOSIÇÕES

- I. Amputação é a ablação methodica de parte ou da totalidade de um membro ou de uma região.
- II. Quando um membro ou uma região fôr séde de lesões incuráveis, que importem necessariamente sua perda ou ameacem a existencia do doente, a amputação é indicada.
- III. Toda a difformidade que torne a vida insupportavel, indica a amputação dita de complacencia.
- IV. E' em geral contra-indicada a amputação, desde que a lesão que parecia reclama-la, é entretida por uma diathese ou é acompanhada de alguma affecção, que possa comprometter o resultado da operação.
- V. Uma preparação physica e moral deve preceder á operação.
- VI. O chloroformio é um poderoso auxiliar desta operação, como de todas, em que o doente é exposto a grandes e prolongadas dôres.

VII. A amputação deve ser praticada o mais longe possível do tronco, maximè se a prothese é facil.

VIII. A parte onde se tem de praticar a amputação, a natureza da lesão que a reclama e finalmente o estado geral do doente, taes são as circumstancias que o operador deve ter em attenção na preferencia do methodo.

IX. As amputações podem ser praticadas pelos methodos seguintes : circular, a um ou a dous retalhos, elliptico e ovalar.

X. Os differentes methodos, por que se praticão as amputações, se distinguem pela fórma das incisões das partes molles.

XI. O methodo circular é o que produz uma ferida menos extensa.

XII. Os methodos a retalhos são de execução mui rapida.

XIII. O methodo a dous retalhos, deve ser applicado nas regiões em que a pelle é espessa e guarnecida de tecidos subjacentes.

XIV. Nas desarticulações, o methodo a um retalho é mais vantajoso e commodo, porque elle se mantêm pelo seu proprio peso.

XV. Nos methodos a retalhos, as carnes formão uma especie de cochim que diminue a pressão do osso sobre a cicatriz.

XVI. O methodo elliptico, segundo as regras estabelecidas por Soupart, tem a vantagem de se applicar a todas as amputações dos membros.

XVII. O methodo elliptico, tem a vantagem de dar uma ferida cujas diversas partes se adaptão exactamente.

XVIII. O methodo ovalar se approxima na execução do a dous retalhos e no resultado ao elliptico.

XIX. O methodo circular é em geral menos conveniente nas amputações de contiguidade, que nas de continuidade.

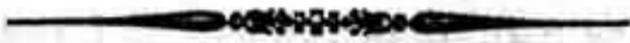
XX. Para empregar-se o methodo circular ás desarticulações, é necessario modifica-lo.

XXI. A ferida resultante do methodo a dous retalhos, sendo mais extensa, é mais exposta aos accidentes inflammatorios.

XXII. O methodo elliptico é de todos o mais demorado na execução.

XXIII. Em geral, as vantagens e inconvenientes dos diversos methodos se compensão.

XXIV. Em geral, preferimos o methodo circular quando applicavel: 1º, por ser a ferida regular; 2º, por ser linear; 3º, por se prestar melhor á reunião mais prompta.





## DA RESPIRAÇÃO NOS VEGETAES

### E DE SUA INFLUENCIA NA ATMOSPHERA.

#### PROPOSIÇÕES

- I. As folhas são os órgãos respiratorios dos vegetaes.
- II. A seiva dos vegetaes para se converter em fluido nutritivo, precisa ser posta em contacto com a atmospheria, o que tem lugar nas folhas.
- III. O vegetal tem um órgão limitado para a respiração, as folhas; e a respiração por canaes levando o ar a todas as partes, respiração tracheana.
- IV. Os vasos chamados trachéas, ou falsas trachéas, que depois de terem servido para a ascensão da seiva na primavera, acabão por ficar vazios, tornão-se depois órgãos da respiração, e levando o ar a todas as partes do vegetal, fazem participar os fluidos que o alcançãõ, de sua acção vivificadora.
- V. A inspiração do acido carbonico, e expiração do oxygeneo são os dous actos principaes da respiração das plantas.
- VI. A respiração não se faz nas plantas, senão por meio da acção directa dos raios solares.

- VII. Na obscuridade absorve oxygeno, e expira acido carbonico.
- VIII. As experiencias de Garreau, Robin e Méne, comprovão que a absorpção do oxygeno pela planta se dá mesmo debaixo da influencia da luz diffusa.
- IX. Este oxygeno se transforma em acido carbonico, combinando-se com uma certa quantidade do carbono do vegetal.
- X. A absorpção do oxygeno tem lugar por todas as partes do vegetal.
- XI. A quantidade do acido carbonico expirado, é menor que a do oxygeno inspirado.
- XII. A quantidade de acido carbonico expirado, é tanto maior, quanto em mais sombras está submergida a planta.
- XIII. Quando a planta está debaixo da influencia da luz directa, o oxygeno absorvido da atmosphaera, combinando-se com uma certa quantidade de carbono da planta, formando acido carbonico, e este mesmo acido tambem absorvido, é fixado nas partes verdes della; os raios solares o decompõem, o carbono combina-se com os elementos d'agua que ahi se encontra no estado nascente, e vai concorrer para os principios immediatos ternarios, que constituem o trama dos orgãos, ou que existem em suas differentes partes, e o oxygeno finalmente é expirado para a atmosphaera.
- XIV. Todos os chimicos não estão de accordo quanto á origem do acido carbonico expirado na obscuridade pela planta.
- XV. Saussure considera este acido formado pela planta a custo de seu proprio carbono, e do oxygeno do ar; Dumas (entre outros) pensa que o acido carbonico expirado é o que as raizes têm absorvido do solo; o gaz passa então através da planta como por um crivo, e é exhalado sem ter sido decomposto.

XVI. Nestas circumstancias, assim que os raios do sol descem sobre a planta a exhalção do acido carbonico pára; as folhas o decompoem, retêm o seu carbono, e uma grande parte do oxygeneo é exhalado.

XVII. A planta absorve independentemente do oxygeneo e do acido carbonico, azoto, e o ar no meio do qual está submergida.

XVIII. Este ar contém sempre agua em estado de vapor, isto é, oxygeneo e hydrogeneo, e contém muitas vezes vapores ammoniacaes, isto é, hydrogeneo e azoto.

XIX. O acido carbonico resultante da decomposição das materias organicas é tambem absorvido pelos vegetaes.

XX. A força que determina a decomposição do acido carbonico, basta para operar a da agua e a da ammonia.

XXI. Oselementos da agua e da ammonia se achão em presença, em estado nascente, para formarem com o carbono proveniente da decomposição do acido carbonico, todos os principios immediatos que a analyse demonstra nos vegetaes.

XXII. A seiva é modificada, pois, em consequencia destas diversas reacções, e adquire propriedades e composições, unicas capazes, de a tornar um fluido nutritivo.

XXIII. As plantas que vivem mergulhadas constantemente na agua, respirão de um modo diverso do das que vivem mergulhadas na atmospherá.

XXIV. O ar contido n'agua é o que serve para a respiração dos vegetaes, que vivem nesse meio.

XXV. A agua banha as folhas sem epiderme, ou apenas forradas de uma cuticula simples e muito fina, e põe-se em contacto direc-

tamente com os órgãos contendo os fluidos que têm de ser modificados.

XXVI. Não é nas folhas sómente que se passam os phenomenos da respiração nos vegetaes aquaticos: as cellulas aereas das folhas communicando todas entre si, o ar que as enche de alguma sorte, banha a superficie dos vasos espiraes, que existem nas nervuras.

XXVII. Os vasos espiraes contém seiva no primeiro periodo da vegetação, mas logo que o renovo desabrocha, e as folhas se desenvolvem completamente, e que por isso offerecem uma grande superficie á exalação, pouco a pouco o fluido vai desaparecendo dos vasos, e estes se tornão órgãos respiratorios: é no segundo periodo da vegetação o novo destino dos vasos espiraes.

XXVIII. Os vasos espiraes estando derramados em todas as partes da planta, o ar é levado tambem para o seu interior, e vai experimentando alterações em sua composição.

XXIX. As plantas servem para desembaraçar a atmosphaera de um excesso de acido carbonico que vicia o ar, e o torna improprio para a respiração dos animaes.

XXX. Ha pois uma correlação entre as plantas e os animaes, que por um dos actos mais indispensaveis de sua vida, se trocão mutuamente os fluidos, sem os quaes não poderião existir.

XXXI. As plantas por uma exalação continua de vapores d'agua conservão a atmosphaera em condições hygrometricas taes, que servem para modificar a grande influencia dos raios solares nos climas ardentes.

XXXII. As plantas durante a noite exhalando uma grande quantidade de acido carbonico, vicião a atmosphaera, e tornão o ar improprio para a respiração dos animaes.

---

# HIPPOCRATIS APHORISMI.

I.

Vita brevis, ars longa, occasio præceps, experientia fallax, iudicium difficile. Oportet autem non modo se ipsum exhibere quæ oportet facientem, sed etiam ægrum, et parentes, et externa. (Sec. 1, Aph. 1.)

II.

Qui sanguinem spumoso expunt, his ex pulmone talis rejectio fit. (Sec. 5, Aph. 13.)

III.

Sanguine multo effuso, convulsio aut singultus superveniens, malum. (Sec. 5, Aph. 3.)

IV.

Ad extremos morbos, extrema remedia exquisite optima (Sec. 1, Aph. 6.)

V.

In morbis acutis extremarum partium frigus, malum. (Sec. 7, Aph. 1.)

VI.

Quæcumque non sanant medicamenta, ea ferrum sanat; quæ non ferrum sanat, ea ignis sanat; quæ ignis non sanat, incurabilia iudicare oportet. (Sec. 8, Aph. 6.)

V.1/239v

IMPRESSÃO DE ALVARÁ

Esta these está conforme os Estatutos.

Rio de Janeiro, 4 de Outubro de 1858.

DR. JOSÉ JOAQUIM DA SILVA,

DR. JOÃO JOAQUIM DE GOUVÊA.

DR. CATA-PRETA.